



# DURANTE MUITO TEMPO DEITAVA-ME CEDO ...

Às vezes, mal apagada a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: “**Vou dormir**”.

E, meia hora depois, a ideia de que já era tempo de conciliar o sono me despertava: queria deixar o livro que julgava ainda ter nas mãos e assoprar a vela; **dormindo**, não havia deixado de refletir sobre o que acabara de ler, porém tais reflexões haviam tomado um aspecto um tanto singular; parecia-me que era de mim mesmo que o livro falava:

**UMA IGREJA,  
UM QUARTETO,  
A RIVALIDADE  
DE FRANCISCO I  
E CARLOS V  
UMA IGREJA,  
UM QUARTETO,**

# (...) E DE SUBITO A LEM BRANÇA ME APARECEU

Aquele gosto era o do **pedacinho de madeleine** que minha tia Léonie me dava aos domingos pela manhã em Combray.

(...) quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, **mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis**, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas góticas quase impalpáveis,

*o imenso edifício de recordações (...)*

flores, casas, pessoas consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas residências, e a igreja, e toda Combray e suas redondezas, *tudo isso que toma forma e solidez, saíu, cidade e jardins, de minha xícara de chá.*





CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

1870

La polonaise...  
C'est un autre...  
à la nuit...  
à l'été...

celle qui...  
forme...  
discernir...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

Na realidade, todo leitor é...  
mesmo. A obra não passa de um...  
óptico oferecido ao leitor a l...

# III

## NO CAMINHO DE SWANN

em si mes...  
uma espécie de instr...  
a fim de lhe ser poss...  
não teria certamente v...  
mesmo

em si mes...  
uma espécie de instr...  
a fim de lhe ser poss...  
não teria certamente v...  
mesmo

em si mes...  
uma espécie de instr...  
a fim de lhe ser poss...  
não teria certamente v...  
mesmo

em si mes...  
uma espécie de instr...  
a fim de lhe ser poss...  
não teria certamente v...  
mesmo

em si mes...  
uma espécie de instr...  
a fim de lhe ser poss...  
não teria certamente v...  
mesmo

em si mes...  
uma espécie de instr...  
a fim de lhe ser poss...  
não teria certamente v...  
mesmo

Estando sozinho

simplesmente fiquei diante do **grande hotel**, esperando o momento de ir encontrar-me com minha avó,

quando, **ainda quase na extremidade do molhe**, onde faziam mover-se uma

## ESTRANHA MANICHA,

vi que se aproximavam

## CINCO OU SEIS MOCINHAS (...)

Sem dúvida, podia ser que na verdade não fosse um prazer desconhecido, que, de perto, o seu mistério se dissipasse, que não passasse de uma projeção, de uma **miragem do desejo**. Mas, neste caso, eu só poderia atribuí-lo à necessidade de uma lei da natureza - que, **aplicando-se a essas moças**, seria aplicável a todas - e não ao defeito do objeto.

Pois era aquele que eu teria escolhido, entre todos, percebendo muito bem, com uma satisfação de botânico, não ser possível encontrar reunidas espécies mais raras do que **estas jovens flores que interrompiam naquele momento, à minha frente**, a linha das ondas com suas ligeira sebe, semelhante a um bosquezinho de rosas da Pensilvânia (...)



CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

# 619

## À SOMBRA DAS RAPARIGAS EM FLOR

Na realidade, todo leitor é mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não em si mes

Na realidade, todo leitor é mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não em si mes

Na realidade, todo leitor é mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não em si mes

uma espécie de instrum a fim de lhe ser poss não teria certamente v mesmo

uma espécie de instrum a fim de lhe ser poss não teria certamente v mesmo

uma espécie de instrum a fim de lhe ser poss não teria certamente v mesmo



# A SRA. DE GUER MANTES

se assentara.

**Seu nome**, como era seguido pelo título, ajuntava à pessoa física o seu ducado, que se projetava a seu redor e fazia reinar

## A FRESCURA SOMBRIA E DOURADA DOS BOSQUES DE GUERMANTES

(..) Mais tarde, quando a duquesa se me tornou indiferente, cheguei a conhecer muitas de suas particularidades (...)

### SEUS OLHOS

onde está preso, como num quadro, o céu azul de uma tarde francesa, largamente descoberto, banhado de luz mesmo quando ela não brilhava.

### E UMA VOZ

que se julgaria, pelos primeiros sons enrouquecidos, quase canalha, onde se arrastava, como pelos degraus da igreja de Combray, ou peça pastelaria da praça, o ouro preguiçoso e fértil de um sol provinciano.



Alias, de um modo geral, mas que seria bem insuficiente para explicar esse estado de espírito, **os Guermantes** eram muito diversos do resto da sociedade aristocrática:

*eram mais preciosos e mais raros*

não eram apenas de uma qualidade de **carneação**, de **cabelo**, de **olhar transparente e refinado**, mas possuíam uma maneira de andar, uma postura, uma forma de saudar, de olhar antes de apertar a mão (...)



CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

A obra não passa de um  
óptico oferecido ao leitor a  
discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é,  
mesmo. A obra não passa de um  
óptico oferecido ao leitor a  
discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é,  
mesmo. A obra não passa de um  
óptico oferecido ao leitor a  
discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é,  
mesmo. A obra não passa de um  
óptico oferecido ao leitor a  
discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é,  
mesmo. A obra não passa de um  
óptico oferecido ao leitor a  
discernir o que sem ela, não

1920

O CAMINHO DE  
GUERMANTES

em si mes  
uma espécie de instr  
a fim de lhe ser poss  
não teria certamente v  
mesmo

em si mes  
uma espécie de instr  
a fim de lhe ser poss  
não teria certamente v  
mesmo

em si mes  
uma espécie de instr  
a fim de lhe ser poss  
não teria certamente v  
mesmo

em si mes  
uma espécie de instr  
a fim de lhe ser poss  
não teria certamente v  
mesmo

em si mes  
uma espécie de instr  
a fim de lhe ser poss  
não teria certamente v  
mesmo

# O QUE VI!

Coisa mais espantosa ainda, como mudasse a atitude do sr. de Charlus, a de Jupien pôs-se logo em harmonia com ela, como se seguisse as leis de uma **arte secreta**.

Frente a frente, naquele pátio onde seguramente nunca se haviam encontrado (...) o barão, tendo subitamente aberto bem os olhos meio cerrados, observava com atenção extraordinária o antigo alfaiate à porta da loja, ao passo que este, repentinamente pregado em seu lugar diante do sr. de Charlus, enraizado como uma planta, **contemplava com ar maravilhado a corpulência do barão que envelhecia**.

Eu havia visto na praia uma bela jovem esguia e pálida (...) **Ora, no dia seguinte, estando essa jovem bem longe de nós no cassino, vi que ela não cessava de pousar em Albertine os fogos alternados e giratórios de seus olhares.** Torturava-me que minha amiga visse que lhe prestavam tamanha atenção e temia que esses olhares incessantemente iluminados tivessem o sentido convencional de um encontro de amor para o dia seguinte. Quem sabe? Esse encontro talvez não fosse o primeiro.

Além do mais, eu compreendia agora por que, ainda há pouco, quando o vira sair da casa da sra. de Villeparisis, pudera achar que **o sr. de Charlus tinha um jeito de mulher: pois era uma!**

Pertencia à raça daquelas criaturas, menos contraditórias que parecem, cujo ideal é viril, justamente porque seu temperamento é feminino, e que na vida são semelhantes aos outros homens, porém apenas na aparência; aí onde cada um traz consigo, nesses olhos com os quais vê todas as coisas no universo, uma silhueta gravada na pupila não é para eles a de uma ninfa, mas de um efebo!

Outro incidente ainda mais fixou minhas preocupações sobre o lado de

# GOMORRA





CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

A j'assie...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

mon...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

est le...

est le...

est le...

c'est...

est le...

est le...

1922

SODOMA E GOMORRA

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

em si mesma é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo


Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

em si mesma é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

em si mesma é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo





Naquela Albertine

## ENCLAUSURADA

em minha casa, longe de Balbec, de onde a trouxera precipitadamente, subsistiam a emoção, a desordem social, a vaidade inquietada, os desejos fugidios da vida dos banhos de mar.

Ela estava tão bem

## ENGAIOLADA

que até em certas noites eu não lhe mandava pedir que trocasse o seu quarto pelo meu, ela, a quem outrora todos seguiam, que me dava tanto trabalho para alcançá-la quando disparava na sua bicicleta, e que o próprio ascensorista não lograva me trazer de volta, não me dando qualquer esperança de que ela viesse, e que eu no entanto esperava a noite inteira.

Se os lábios de Albertine estavam fechados, em compensação, da maneira como eu me colocara, suas pálpebras pareciam tão pouco unidas que quase me perguntava se ela estava dormindo de fato.

Ainda assim, **essas pálpebras baixas davam a seu rosto aquela continuidade perfeita que os olhos não interrompem.**

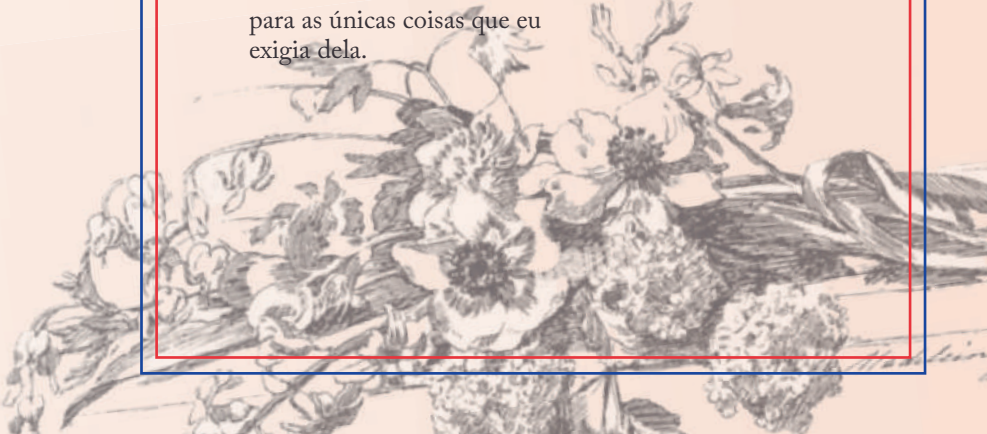
Há pessoas cujo rosto assume beleza e majestade desacostumadas quando não se lhes vê o olhar.

Nas noites em que esta última não me lia em voz alta, ela tocava piano para mim ou jogávamos partidas de damas, ou conversávamos, jogo e conversa que eu interrompia para **beijá-la.** (...)

O próprio vazio de sua vida conferia a Albertine uma espécie de

## SOLICITUDE E OBEDIÊNCIA

para as únicas coisas que eu exigia dela.



CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

CEL PROUST

RCEL PROUST

RCEL PROUST

1923

A PRISIONEIRA

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

em si mesma, é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo

em si mesma, é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo

em si mesma, é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo

em si mesma, é uma espécie de instrução a fim de lhe ser possível não teria certamente o mesmo



# “A SRTA. ALBERTINE FOI-SE EMBORA!”

*Meu amigo, perdoe-me por não ter lhe dito de viva voz as poucas palavras que se seguem, mas estou de tal modo cansada, sempre tive tanto medo diante de você, que, mesmo me esforçando, não me animei a fazê-lo. Eis o que lhe teria dito: “Entre nós a vida se tornou impossível; aliás você viu, pelo seu destempero daquela noite, que alguma coisa havia mudado no nosso relacionamento. O que se pôde ajeitar nessa noite Wíria tornar-se irreparável dentro de poucos dias. Assim, é preferível, visto termos tido a oportunidade de reconciliação, separarmos-nos como bons amigos”; é por isso, meu querido, que lhe deixo este bilhete, e peço-lhe que seja bastante bom para me perdoar se lhe causo algum desgosto, e que pense no enorme desgosto que sentirei (...) Adeus, deixo-lhe o melhor de mim mesma.*

*Albertine.*

Deixei de lado todo o orgulho diante de Albertine e mandei-lhe um telegrama desesperado, pedindo-lhe que voltasse sob quaisquer condições (...)

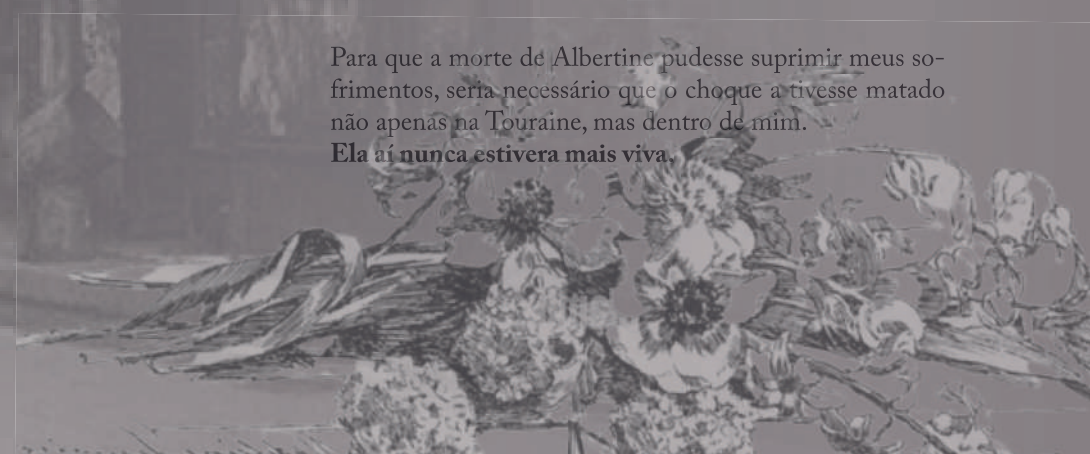
**Ela não voltou nunca mais.**

Meu telegrama acabava de ser expedido quando recebi outro. Era da sra. Bontemps. Ah! Não foi a supressão do sofrimento o que produziram em mim as duas primeiras linhas do telegrama:

*“Meu pobre amigo, nossa pequena Albertine já não existe, perdoe-me por dizer esta coisa horrível ao senhor que a amava tanto. Ela foi lançada pelo seu cavalo contra um árvore durante um passeio. Todos os nossos esforços não puderam reanimá-la.”*

Para que a morte de Albertine pudesse suprimir meus sofrimentos, seria necessário que o choque a tivesse matado não apenas na Touraine, mas dentro de mim.

**Ela aí nunca estivera mais viva.**







Havia entrado no pátio do palacete de Guermantes e, distraído, não vira um carro que avançava; só tive tempo de me pôr vivamente de lado, e recurei o bastante para, sem querer, tropeçar nas pedras irregulares do calçamento. Mas, no instante em que, ao me endireitar, firmei o pé numa laje um tanto mais baixa que a anterior, todo o meu desânimo sumiu em face à mesma sensação de felicidade que em diversas épocas da minha vida me haviam proporcionado a vista das árvores que eu julgara reconhecer num passeio de carro pelos arredores de Balbec, a vista dos campanários de Martinville, o sabor da madelleine mergulhada no chá, e tantas outras sensações de que já falei (...)

Eu deslizava rapidamente sobre tudo isso, mais imperiosamente solicitado, como estava, a procurar a causa dessa felicidade, do caráter de certeza com que ela se impunha (...) nesse instante a criatura que eu fora era um ser extratemporal (...) Só ele possuía o poder de me fazer reencontrar os dias antigos, o tempo perdido, antes o qual os esforços da memória e da inteligência fracassavam sempre.

# RECUPERAR O TEMPO PERDIDO

Somente pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na lua.

Então, sem dúvida menos brilhante que a que me fizera entrever que a obra de arte era o único meio de **recuperar o Tempo Perdido**, uma nova luz se fez em mim. E compreendi que todos os materiais da obra literária eram minha vida passada; compreendi que tinham vindo a mim, nos prazeres frívolos, na preguiça, na ternura, na dor, armazenados por mim sem que eu adivinhasse sua destinação, sua própria sobrevivência, como a semente acumula todos os alimentos que hão de nutrir a planta. Como a semente, eu poderia morrer quando a planta se desenvolvesse; e percebia ter vivido para ela sem saber (...)

# 1927

## O TEMPO RECUPERADO



ARCEL PROUST

Il y a un lien profond entre l'écriture et la lecture. L'écriture est un acte de communication, un acte de partage. Elle est un acte de création, un acte de vie. Elle est un acte de vérité, un acte de justice. Elle est un acte de liberté, un acte de force. Elle est un acte de beauté, un acte de gloire. Elle est un acte de Dieu, un acte de salut.

ARCEL PROUST

Il y a un lien profond entre l'écriture et la lecture. L'écriture est un acte de communication, un acte de partage. Elle est un acte de création, un acte de vie. Elle est un acte de vérité, un acte de justice. Elle est un acte de liberté, un acte de force. Elle est un acte de beauté, un acte de gloire. Elle est un acte de Dieu, un acte de salut.

ARCEL PROUST

Il y a un lien profond entre l'écriture et la lecture. L'écriture est un acte de communication, un acte de partage. Elle est un acte de création, un acte de vie. Elle est un acte de vérité, un acte de justice. Elle est un acte de liberté, un acte de force. Elle est un acte de beauté, un acte de gloire. Elle est un acte de Dieu, un acte de salut.

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

Na realidade, todo leitor é o mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não

em si mesma é uma espécie de instrum. a fim de lhe ser poss. não teria certamente v mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não em si mesma é uma espécie de instrum. a fim de lhe ser poss. não teria certamente v mesmo.

em si mesma é uma espécie de instrum. a fim de lhe ser poss. não teria certamente v mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não em si mesma é uma espécie de instrum. a fim de lhe ser poss. não teria certamente v mesmo.

em si mesma é uma espécie de instrum. a fim de lhe ser poss. não teria certamente v mesmo. A obra não passa de um óptico oferecido ao leitor a discernir o que sem ela, não em si mesma é uma espécie de instrum. a fim de lhe ser poss. não teria certamente v mesmo.

